

O USO DO WHATSAPP E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS.

Emanuela Andrade Vidal¹

Resumo: o presente trabalho trata-se da pesquisa de mestrado “Aprendizagem de Língua Portuguesa para Pessoas Surdas: contribuições do gênero digital WhatsApp” ainda em andamento. A globalização e o excessivo uso dos aparelhos móveis apresentam-se como novas possibilidades, não só para o acesso a comunicação, mas sobretudo para o acesso ao conhecimento. Sendo a inserção da pessoa surda no mundo digital algo possível e constante, pretende-se, com a pesquisa, averiguar como o gênero digital WhatsApp contribui para aprendizagem da Língua Portuguesa (L2) para alunos surdos do ensino técnico do Curso de Informática de uma escola pública estadual, localizada no município de Alagoinhas-Ba. Deseja-se também descrever algumas características do letramento digital dos surdos e entender como se dá o processo de aprendizagem de L2 no espaço escolar. Para tanto, a pesquisa será fundamentada nos estudos de Street (2003), Gesser (2009), Kleiman (2014), Quadros (2004), Moreira (2012), Pereira (2018), Freitas (2004). Entende-se que o uso dos gêneros digitais contribui para o desenvolvimento linguístico da pessoa surda e merece destaque no campo da pesquisa sobre a temática.

Palavras-Chave: Gênero Digital. Língua Portuguesa (L2). Pessoa Surda.

INTRODUÇÃO

No cenário atual, novas possibilidades de comunicação vêm sendo apresentadas e muitas são as maneiras de promoção e ampliação desta

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: emanuela_vidal@hotmail.com Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Martins Moreira. Doutora em Letras pela UFBA, Mestre em Linguística Aplicada pela PUC-RS. Endereço eletrônica: cmmoreira@uneb.br.

comunicação, o que provoca uma quantidade cada vez maior de informações circulando nos vários veículos comunicacionais, sejam eles impressos ou virtuais. A circulação permanente de informações contribui significativamente para inclusão da pessoa surda nos diversos espaços.

Diante da necessidade de compreender e divulgar as diversas possibilidades que contribuem para o desenvolvimento e aquisição da língua portuguesa como segunda língua para pessoa surda, a pesquisa tem encontrado, nas variadas fontes sobre a surdez, respaldo para justificar sua importância enquanto acervo que permitirá uma melhor compreensão sobre a aquisição da Língua Portuguesa escrita como L2 para surdos.

Ao longo da tradição histórica, foram privilegiadas as línguas na modalidade oral-auditiva e, aos poucos, as línguas visuoespaciais foram lentamente ganhando espaço, principalmente no campo das pesquisas. Ainda assim, o uso das línguas orais é privilegiado nos diversos espaços, sejam eles escolares ou sociais.

Estudo feito em conjunto pelo Instituto Locomotiva e a Semana de Acessibilidade Surda revela a existência, no Brasil, de 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva. Desse total, 2,3 milhões têm deficiência severa. Acrescenta ainda que a surdez atinge 54% de homens e 46% de mulheres e que normalmente acontece antes dos 50 anos para os 91% de casos adquiridos.

O decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999, no art.4. Inciso II, considera como deficiência auditiva o indivíduo com perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB), ou mais, aferida por audiometria nas frequências de 5000Hz, 2.000hz e 3.000Hz. (BRASIL, 1999).

Com base na compreensão do conceito de deficiência auditiva, acima exposto, cabe inicialmente explicar que a pessoa surda tem como língua materna a língua de sinais, no caso do Brasil a Língua Brasileira de Sinais Libras, a L1 e como segunda língua, a Língua portuguesa, na modalidade escrita, denominada como L2. Dito de outra forma; a pessoa

surda usará a Libras para se comunicar visualmente e a Língua Portuguesa para comunicação escrita. Há ainda a possibilidade da pessoa surda usar a Língua de Sinais escrita, ou Sistema SignWriting (escrita de sinais).

Nota-se que é significativo o número de pessoas surdas no Brasil e sabemos que muitas estão nos diversos espaços e, entre estes espaços, as escolas e centros acadêmicos. Pesquisas divulgadas recentemente apontam que cresce no país o número de surdos com nível superior; e o número de doutores surdos atualmente corresponde a 42 surdos, sendo o maior quantitativo na região Sul. Estes dados nos fazem acreditar na capacidade da pessoa surda e ao mesmo tempo, nos levam a inúmeras reflexões.

Portanto, pensar a surdez como algo que limita a pessoa surda não cabe mais diante de tantas informações e possibilidades de uso da Libras. Faz-se necessário e urgente a compreensão que o surdo não é um ser limitado e sim, apresenta habilidades linguísticas diferenciadas da do ouvinte, o que não o torna menos capaz. Gesser (2018) afirma que a surdez é muito mais um problema para o ouvinte do que para o surdo. E quando analisado o pensamento da autora, percebemos que é verdadeiro, embora o ouvinte não perceba assim.

A pessoa surda em nossa sociedade ainda tem sua vida limitada ao perverso discurso da deficiência, da ausência e da incapacidade, e por isso ainda é penalizada em muitos espaços. Sobre a surdez como patologia que limita, Gesser discorre: o discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural da minoria surda. A surdez é constituída na perspectiva do déficit, da narrativa da anormalidade. O normal é ouvir, o que diverge deste padrão deve ser corrigido, normalizado.

Pensar possibilidades que contribuam para a comunicação da pessoa surda, seja em LIBRAS ou na língua portuguesa (L2), como segunda língua, é permitir que a pessoa surda interaja e conviva socialmente de maneira integral, permitindo assim a inclusão nos vários espaços sociais que até então tem-lhes sido negado.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS — LIBRAS (L1)

A Libras é uma língua e possui estrutura própria, assim como as demais línguas. O que a diferencia é a modalidade visual-espacial, tal modalidade se refere à produção e percepção na produção da língua. Por ser uma língua visual-espacial, os sinais são produzidos corporalmente, não sendo utilizados sons. Os sinais são articulados no espaço por meio do corpo (mãos, face e corpo), acrescentado a eles as expressões não manuais.

Embora muitos ainda desconheçam as especificidades da Libras e a percebam como algo de pouco valor, ou ainda inferior a Língua Portuguesa oral, certamente isso é fruto da falta de conhecimento da Libras e de outras características da cultura surda. Libras, em abril de 2002, adquiriu reconhecimento linguístico e foi sancionada como língua de Sinais legal por meio da Lei 10.436/2002.

No parágrafo único da Lei 10.436/2002, a Lei de Libras, é evidenciado o perfil da Libras enquanto língua visual, afirmando que: entende-se como Língua Brasileira de Sinais — Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunicação de pessoas surdas no Brasil.

Interessante destacar que, embora reconhecida como Lei e posterior a ela havendo o Decreto 5.626, sancionado em 2005, ainda assim não há no país a efetivação dos direitos e os surdos encontram barreiras nos diversos espaços de circulação e principalmente nos espaços escolares e de trabalho.

O Decreto 5.626 de 2005 apresenta uma lista de ações necessárias para efetivação e aplicação de ações presentes na Lei 10.436/2002, entre as ações merece destaque a formação de profissionais de Libras (professores, tradutores e intérpretes). Também tão importante quanto à presença destes profissionais é a garantia do direito a educação bilíngue,

ou seja, o direito ao surdo aprender a Libras com ensino em L1 e, como L2, o ensino da língua portuguesa escrita.

Destacamos que tão importante quanto reconhecer a Libras como Língua, é conhecer e valorizar a Cultura Surda, cultura constituída por manifestações e experiências que partem de um mundo surdo. São as vivências e experiências do surdo, algo é conquistado e efetivado nos diversos espaços onde o surdo consegue se expressar enquanto indivíduo autor de sua história.

1.2 LÍNGUA PORTUGUESA (L2)

Tentaremos de maneira sucinta descrever o papel da língua portuguesa escrita na vida da pessoa surda, pois notamos que essa compreensão se faz necessária para uma melhor compreensão do objeto de pesquisa aqui apresentado. Inicialmente foi explicado que o surdo tem como primeira língua a língua de sinais, que, dependendo do país de origem, terá uma denominação diferente, no caso do Brasil, temos a Libras, a L1. Sabemos, portanto, da necessidade da aprendizagem da língua portuguesa escrita, uma vez que é determinado como necessário para leitura e produção escrita do surdo.

A língua portuguesa precisa acontecer por meio de diversas situações comunicativas para a leitura e produção escrita do surdo, como destacado no parágrafo único da Lei 10.436: a Língua Brasileira de Sinais-Libras não poderá substituir a modalidade escrita em língua portuguesa. Assim sendo, é imprescindível a aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua para o surdo, ou seja, a L2.

Entendemos que o surdo desenvolve uma vivência bilíngue quando faz uso de duas línguas para sua comunicação com seus pares e também com os ouvintes, assim sendo, são necessárias atenções específicas, tanto nas políticas públicas quanto nas práticas pedagógicas. Caso contrário, os surdos desenvolverão habilidades linguísticas na Libras (L1) e terão deficiência no uso da língua portuguesa escrita (L2), o que certamente ocasionará grandes prejuízos a vida escolar e social da pessoa surda.

Quadros (1997) afirma que se a criança que nasce surda e tem acesso, desde os seus primeiros meses de vida, a língua de sinais proporcionada por seus pais também surdos, desenvolverá uma linguagem sem nenhuma deficiência e, portanto, refletirá na língua escrita e na leitura. Dito de outra maneira, a criança surda necessita inicialmente da aquisição da língua materna, ou a L1 e, posterior a isso, a aquisição da L2. Para tanto, se faz necessário conhecimentos específicos para o ensino/aprendizagem na educação da pessoa surda. Diferente da situação pontuada por Quadros, há casos onde a criança nasce surda com os pais ouvintes, sendo estes casos os mais comuns, algo que torna a aquisição da L1 algo mais tardio e complexo, pois a criança surda só terá acesso a língua materna ao ingressar nos espaços escolares.

2 A ERA DIGITAL

Na atualidade, vivenciamos as mudanças assustadoras no fazer, no pensar e no agir. Estamos num momento transitório, onde mudanças nas relações de trabalho e de produção são alteradas constantemente, exigindo mão de obra qualificada para atender essa demanda. A produção com uso de máquinas a vapor, característica da revolução Industrial, perde espaço para uma nova forma de produção que levará a adoção de tecnologias e transformações em programas governamentais, bem como nas relações de trabalho. Em meio a essas transformações, surge a era digital.

A era digital, como assim é nomeada, também conhecida como a quarta revolução industrial, não apenas vem introduzindo novas tecnologias nos muitos espaços de trabalho e de produção, mas vem, sobretudo, mudando as propostas e relações de trabalho. A era digital requer das empresas profissionais ativos e que apresentem as habilidades necessárias para lidar com as novas tecnologias e os processos de comunicação que estão sendo desenvolvidos.

Na perspectiva dos estudos da era digital e das mudanças que esta vem promovendo não só nas relações do trabalho e sim no mundo, o Byung-Chul em uma de suas obras, apresenta claramente os impactos e

modificações que o mundo sofrerá com a era digital. Na obra “No Exame perspectivas do digital”, Byung-Chul (2018) chama a atenção para uma nova massa que está sendo criada: a massa digital. Segundo o autor (p. 24: 2018), a sociedade futura terá que contar, em sua organização, com uma nova força, a saber, a força das marcas. Assim, ele assevera laconicamente: “A Era das Massas”.

A era da massa, diferencia-se da massa atual do exame digital, pois refere-se aos recursos por ela utilizados. A anterior é pensada por grupos de pessoas lideradas. Na era digital, a massa é formada por indivíduos anônimos que têm o poder das informações e de promover mudanças.

Claramente, encontramos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e soberania. A nova massa é o exame digital. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da massa. (BYUNG-CHUL, 2018, p. 27).

A revolução digital, conhecida como era da informação ou era tecnológica, teve início após a era industrial, após a década de 1980. Embora saibamos que a era digital começou seus primeiros feitos no século XX, na década de 1970, a invenção dos microprocessadores e redes de computadores entre outros inventos colaboraram para o que hoje nos é apresentado como possibilidade de acesso veloz à comunicação.

Argumenta-se que nasce com a era digital uma nova geração, a geração Z, com ela nasce uma maneira nova de pensar, agir e fazer. Destaca-se, por conseguinte, que anterior a ela houve a Geração X (1965-1979) e a Geração Y (1980-1994). Não serão detalhadas aqui estas gerações, uma vez que, para o presente artigo, a ênfase será dada apenas a Geração Z, pois esta explicará os fenômenos atuais e futuros das relações que são estabelecidas nos diversos espaços virtuais e sociais.

Interessante destacar que o estudo das gerações é realizado com base nos recursos tecnológicos utilizados em cada período, bem como,

nos vários tipos de comportamentos apresentados pelos indivíduos nestes períodos denominados de gerações. Merece destaque também, dois novos termos muito utilizados atualmente: imigrantes digitais e nativos digitais.

Os imigrantes digitais é uma denominação usada para caracterizar os indivíduos nascidos antes de 1980. São aqueles que atualmente buscam acompanhar os avanços tecnológicos e as mudanças contemporâneas motivadas pela cibercultura. Já os nativos digitais, que estão entre as gerações Y e Z, englobam os indivíduos que já nascem e crescem com as tecnologias digitais.

2.2 LETRAMENTO DIGITAL E O USO DO APLICATIVO WHATSAPP

Entre os vários letramentos presentes em nosso cotiado, um tem se destacado nos últimos anos e tal destaque tem relação com a nova Era vivenciada na atualidade, a Era Digital. O letramento digital refere-se às variadas práticas de leitura e escrita por meio das tecnologias da informação, sendo assim apresentado com conhecimento necessário à humanidade e não apenas aos surdos.

No percurso da presente pesquisa, percebeu-se que o letramento digital é apresentado como meio necessário ao surdo para uso dos recursos tecnológicos disponíveis na atualidade, bem como, para uso destes recursos de modo que promova a comunicação; e isso já é possível, basta lembrar que anterior ao uso do aplicativo WhatsApp, a comunicação entre surdos e ouvintes, não era algo possível apenas com o uso do celular. Atualmente percebemos que as redes sociais e os aplicativos são recursos utilizados com frequência por surdos e para diversos fins.

Destacamos a importância das práticas sociais de letramento também para alunos surdos, uma vez que estes, embora apresentem uma língua que diferencia da oral, também vivencia, na comunidade surda, experiências enriquecedoras que contribuem para criação e efetivação de suas memórias de surdo. Nesta perspectiva, os estudos de Pereira (2018), defendem que as práticas sociais não se dão de forma mecânica, de fora

para dentro, conforme as condições objetivas presentes num determinado espaço social. Dito de outra maneira, faz-se necessária a promoção de práticas sociais de letramento que incluam a pessoa surda.

O WhatsApp é uma ferramenta que apresenta tanto a comunicação assíncrona, como a síncrona, pois oferece aos usuários várias possibilidades de comunicação.² É assíncrona quando é utilizado o envio de mensagens e o receptor não recebe necessariamente no mesmo momento e é síncrona quando acontece o contato direto, com trocas imediatas entre os usuários através de textos ou como quando são utilizados recursos como vídeo chamada ou ligações de áudio. Assim sendo, Roxo e Moura (2012), afirmam que a presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação.

Kleiman (2008) destaca que podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos. Com base no conceito de práticas de letramento de Kleiman, podemos destacar que é possível desenvolver ações com o uso do WhatsApp onde sejam incorporadas práticas de letramentos para o indivíduo surdo e que tais práticas podem ser significativas.

Na mesma linha de estudo dos recursos tecnológicos e suas contribuições para os diversos segmentos sociais, Tapscott (1999) enfatiza os benefícios apresentados pelo uso dos recursos digitais, ressaltando que tais recursos mudam o fazer e o pensar da sociedade, sobretudo dos mais jovens, assim é percebido também com a pessoa surda, embora não seja na maioria das vezes um uso direcionado, servindo apenas para o entretenimento e o lazer.

² Comunicação síncrona termo utilizado em educação para caracterizar a comunicação que ocorre exatamente ao mesmo tempo, simultânea e Comunicação assíncrona a comunicação que não ocorre exatamente ao mesmo tempo, não-simultânea. Dessa forma, a mensagem emitida por uma pessoa é recebida e respondida.

Soares (2012), destaca o aspecto positivo da apropriação do letramento digital pelos sujeitos letrados, apontando que, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. Pensando nas muitas possibilidades de ampliação da escrita, podemos destacar também as telas dos aparelhos móveis.

Moreira e Nascimento (2012) dão ênfase à importância das novas tecnologias na escola, enfatizando que o uso amplia as possibilidades de interação, produção coletiva, acesso fácil à informação, comunicação rápida, integração à comunidade virtual através do ciberespaço, algo que segundo as autoras contribui significativamente para o acesso a novos conhecimentos.

Partindo da assertiva de que muitas são as pesquisas que comprovam os benefícios do uso de recursos tecnológicos, leva-nos a buscar fontes e experiências exitosas que contribuam com as investigações sobre as contribuições do uso do WhatsApp para aprendizagem de língua portuguesa como L2.

CONSIDERAÇÕES PARA AS PRÓXIMAS REFLEXÕES

Percebemos, mesmo diante da inconclusa pesquisa, que existem possibilidades de com uso de práticas de letramento direcionadas as necessidades do aluno surdo e ações pedagógicas pensadas para que o uso do whatsApp seja possível, visando contribuir para a aprendizagem de língua portuguesa escrita (L2) para alunos surdos. Lembramos que temos como favorável o desejo e interesse dos surdos pelos recursos tecnológicos e, em especial, pelas redes sociais e aplicativos como o whatsApp.

Que possamos com o uso de recursos tecnológicos e dos diversos aplicativos disponíveis nas redes, desenvolver maneiras prazerosas de aprendizado de língua portuguesa escrita como L2 para pessoa surda e, assim acontecendo, o aprendizado adquirido possa impactar de maneira positiva na vida acadêmica e profissional da pessoa surda.

Sabemos que demos os primeiros passos rumo a um dos conhecimentos que tem como finalidade maior promover atitudes que respaldem o ensino de língua portuguesa escrita como L2 para pessoa surda. Muitos serão os desafios e também ganhos, com os quais seremos contempladas ao término da pesquisa e ainda assim serão necessários novos projetos e novas pesquisas direcionais a estudo em questão.

REFERÊNCIAS

Decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acesso em: 4 jul. 2020.

FALÇÃO, Luiz. *Surdez, cognição visual e Libras: estabelecendo novos diálogos*. Recife: Ed. do autor, 2010.

GESSER, Audrei. *O Ouvinte e o Surdez sobre ensinar e aprender Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

HAN, Buyang-Chul. *No Exame: perspectivas do digital*. Trad. Lucas Machados. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LEI n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: BRASIL. Lei Federal n. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Acesso em: 4 jul. 2020.

LODI, Ana Cláudia B. (Org.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017.

MOREIRA, Cláudia Martins; NASCIMENTO, Norma Lúcia. *Letramento Digital e Cultura Tecnológica: uma apropriação escolar urgente*. Bahia: vol.2.n2. jul/dez.2012. Versão online. Disponível em: <https://portal.uneb.br/poscritica>. Acesso: 4. Set. 2019.

QUADROS, Ronice. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, Áurea. *Letramentos, empoderamento e aprendizagens*. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola uma perspectiva social*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes comunicação síncrona. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/comunicacao-sincrona/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pdf. Acesso em: 4 set. 2019.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital*. São Paulo: Marcon Book, 1999.